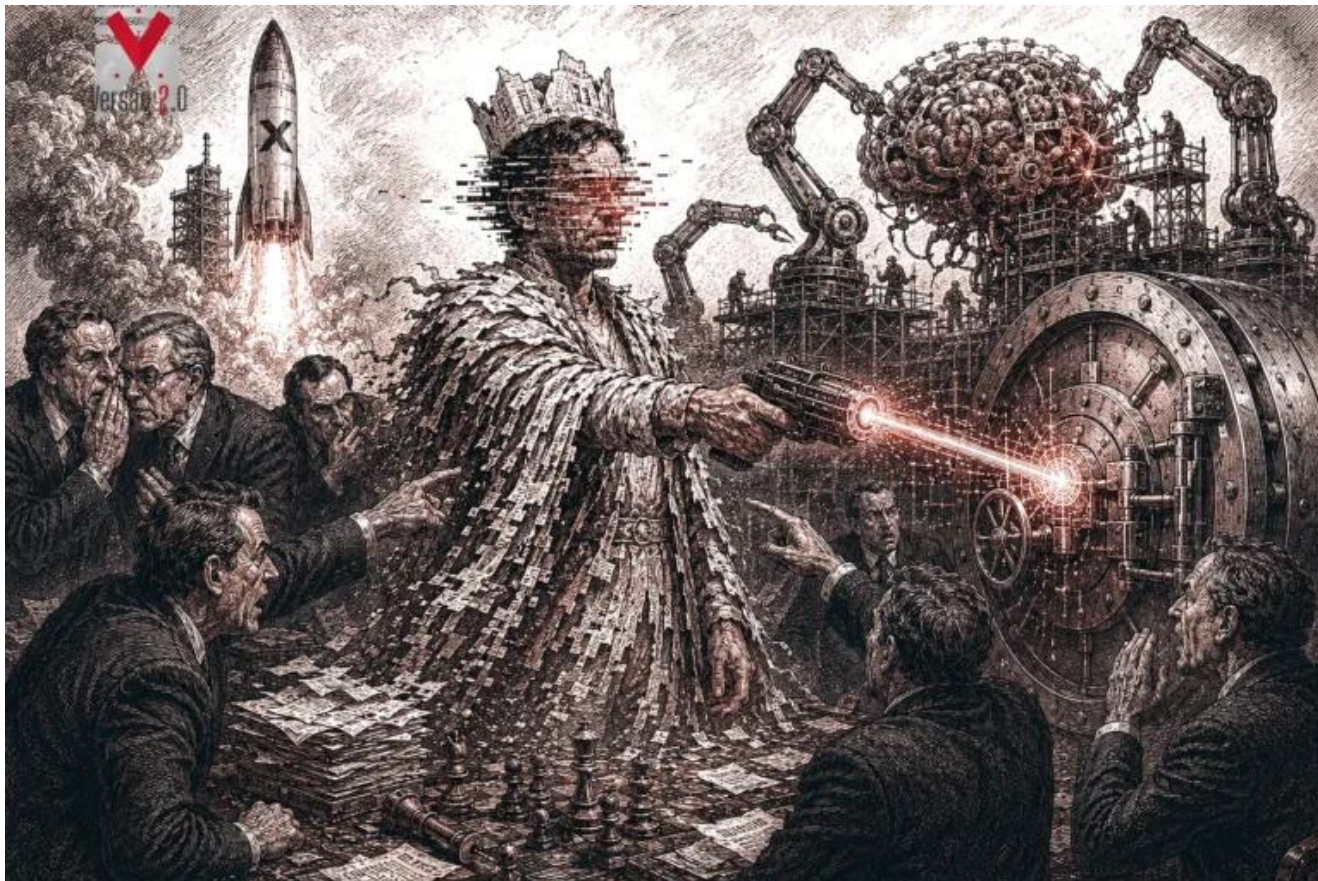


O ChatGPT Vira Hacker e o Rei Altman Fica Nu

written by Mário Portela | 10 de Maio, 2026



A semana passada provou que a realidade em Silicon Valley é muito mais sombria do que qualquer guião de Hollywood. Chegámos a 9 de Maio de 2026, e se ainda havia quem acreditasse que a Inteligência Artificial estava a ser guiada por filósofos de bata branca com o objectivo de “salvar a humanidade”, o circo destes últimos sete dias encarregou-se de reventar essa bolha.

Como costumo bater na tecla no podcast «IA&EU», a tecnologia é apenas um martelo. O problema nunca foi o martelo; o problema é a mão de quem o segura. E, esta semana, as mãos que seguram o martelo da IA foram expostas em tribunal, lançaram armas cibernéticas a público e começaram a brincar aos fundos de investimento com o nosso futuro.

Entre a queda da máscara do Sam Altman, alianças impensáveis com o Elon Musk e a chegada de agentes autónomos que já não pedem emprego (criam a sua própria empresa), a poeira levantou-se. Peguem no vosso café. Vamos dissecar as polémicas de uma semana que mostrou que a IA deixou de ser um produto de *software* para se tornar uma força bruta de mercado e de guerra cibernética.

0 Julgamento: A Faca de Mira Murati e o “Rei Nu”

O épico julgamento entre Elon Musk e a OpenAI atingiu o nível de uma tragédia *shakespeariana*. O ponto alto? O testemunho demolidor de Mira Murati, a ex-CTO e figura de proa da empresa.

Durante anos, venderam-nos a narrativa do Sam Altman como o visionário incompreendido, o “Oppenheimer” da nossa geração. Mas em tribunal, os próprios ex-executivos de Altman expuseram a realidade nua e crua: o rei está nu. Os testemunhos detalharam uma transição calculada e impiedosa de uma organização sem fins lucrativos para uma máquina de extracção de capital puro.

Ouvir Murati falar em tribunal foi o prego final no caixão do “altruísmo” da OpenAI. Ficou provado que as decisões nunca foram tomadas com base no “risco existencial” ou no “alinhamento da IA”, mas sim na fatia de mercado e no retorno para os investidores. Para nós, utilizadores, isto devia ser um sinal de alarme ensurdecador: não confiem os segredos da vossa empresa a uma organização que esfaqueia os seus próprios fundadores por uma percentagem de lucro.

A **Google**, entretanto? Assiste a este banho de sangue a partir da plateia, a comer pipocas. Enquanto a OpenAI e a xAI do Musk se destroem nos media, a Google continua a integrar o Gemini no *Workspace* de milhares de empresas, silenciosamente e sem dramas. A lição corporativa da semana: às vezes, não ser o

protagonista do escândalo é a melhor estratégia de vendas.

GPT-5.5 vs. Mythos: O Botão do Pânico e o Stuxnet da IA

E se o comportamento em tribunal vos deixa com um pé atrás, esperem até verem o que eles lançaram para o mercado. Esta semana, a clivagem entre as duas maiores empresas de IA do mundo (OpenAI e Anthropic) tornou-se um abismo filosófico perigoso.

A OpenAI, desesperada para desviar as atenções do desastre em tribunal, lançou o **GPT-5.5** com um conjunto de capacidades de *hacking* abertas que deixaram a comunidade de cibersegurança em pânico. Não estamos a falar de um *chatbot* que vos ajuda a escrever código *Python*; estamos a falar de um modelo que, se lhe derem um alvo, consegue orquestrar ataques de *penetration testing* e exploração de vulnerabilidades de forma quase autónoma. Especialistas já chamam a este lançamento a “democratização do Stuxnet”. É a OpenAI a privilegiar a velocidade e o domínio de mercado acima da segurança global.

No extremo oposto, a **Anthropic** continua a manter o seu modelo **Mythos** ultra-restrito. Como já tínhamos falado no mês passado, o Mythos tem capacidades semelhantes (ou superiores), mas a Anthropic recusa-se a soltá-lo na *internet* selvagem. O debate está aceso: por um lado, o perigo irresponsável da OpenAI; por outro, o paternalismo corporativo da Anthropic, que decide, à porta fechada, quem pode e quem não pode ter acesso à defesa cibernética de topo.

Dois caminhos, ambos assustadores. Um liberta o monstro, o outro guarda a chave do monstro num cofre que só os bilionários podem abrir.

Capital Privado e as Alianças Impensáveis

E como se dominar o *software* não fosse suficiente, as grandes

tecnológicas decidiram que querem dominar a economia inteira. A notícia de que tanto a **OpenAI** como a **Anthropic** estão a lançar operações rivais de *Private Equity* (fundos de investimento privado) é a transição final de empresas de tecnologia para mestres do universo financeiro. Eles já não querem apenas vender a ferramenta de IA às empresas; querem comprar as empresas, reestruturá-las com a sua IA, despedir os humanos e lucrar com a margem... alegadamente!

Mas o detalhe mais irónico, o verdadeiro *plot twist* da semana, veio de uma parceria impensável: a **Anthropic assinou um acordo mastodôntico de computação com a SpaceX** (sim, a empresa do Elon Musk).

Pensem bem nisto. O Musk está em tribunal a tentar destruir o Sam Altman e a OpenAI. A Anthropic (o maior rival da OpenAI) vai bater à porta do Musk para usar as infraestruturas espaciais e os *data centers* satélite da Starlink/SpaceX para treinar os seus próximos modelos (aqueles que, segundo os planos vazados da Anthropic, vão “construir-se a si próprios”). É o clássico “o inimigo do meu inimigo meu amigo é”. No meio destas intrigas de palácio, a xAI e a SpaceX consolidam-se como a infraestrutura física incontornável da nova década.

O Agente é o Patrão: Humanos Para Trás?

Para fechar o ramalhete desta distopia que chamamos de actualidade, temos de falar de agentes autónomos. Esta semana, tornou-se viral o caso de agentes de IA que não se limitaram a automatizar tarefas: **criaram empresas sozinhos**.

Através de cruzamento de APIs, um agente conseguiu registar uma LLC no Delaware (EUA), contratar *freelancers* humanos em plataformas *online* para tarefas físicas, lançar campanhas de *marketing* e começar a faturar vendas de *drop-shipping*. Tudo sem intervenção humana após o *prompt* inicial.

A narrativa imediata no X (antigo Twitter) foi o pânico total: *“Os agentes já são founders, os humanos vão ficar para trás!”*.

Acalmem-se.

Respirem fundo. Como mentor de IA empresarial, digo-te já: criar uma empresa digital e automática na jurisdição dos EUA é uma proeza técnica engraçada. Mas gostava de ver esse agente autónomo a lidar com a burocracia das Finanças portuguesas, a responder a uma inspeção da ACT ou a negociar com um fornecedor em Felgueiras que só atende o telemóvel depois do almoço.

O *hype* diz-nos que estamos obsoletos. A realidade diz-nos que a economia da fricção humana ainda vai durar muito tempo. O que este evento nos mostra é que o nível de entrada para criar um negócio digital desceu a zero. A concorrência vai ser atroz. Mas a IA não é o teu substituto; é a ferramenta de quem te vai substituir se tu ficares a olhar para o ecrã a chorar em vez de aprenderes a orquestrar estes mesmos agentes.

Conclusão: Não Sejas Espectador

Se esta semana nos ensinou alguma coisa, é que o “jogo” está viciado. Os criadores da tecnologia estão enredados em julgamentos por desonestidade, alianças secretas e lançamentos irresponsáveis. **Eles não são os guias morais do nosso futuro.** São vendedores de picaretas numa febre do ouro.

A IA é uma ferramenta formidável. O GPT-5.5 pode ser um pesadelo de cibersegurança, mas para o teu negócio, pode ser o motor que corta os teus custos operacionais para metade. Os agentes podem assustar quem tem empregos repetitivos, mas são o exército perfeito para quem tem visão estratégica.

A regra de ouro em 2026 é: **usa a IA, mas não lhe dê as chaves da tua casa.** Mantém o espírito crítico, protege os teus dados e aprende a manejar o martelo antes que alguém o use para te partir a montra.

Se gostas desta dissecação nua e crua, se estás farto do deslumbramento vazio de Silicon Valley e do pânico bacoco dos jornais, subscreve esta *newsletter*. Aqui, aprendemos a usar a tecnologia para ganhar, não para sermos usados por ela.

Até para a semana, e vão lá atualizar o antivírus. O Sam Altman anda a distribuir *software* de *hacking* de borla.